

O HOMO HABILIS NA HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA AS METAMORFOSES DO ENGENHO

António Manuel de Andrade Moniz

Introdução

Confrontado com perigos, suspeitados e insuspeitados, dotado de recursos científicos e tecnológicos ainda incipientes, comparados com os séculos vindouros, o homem quinhentista oscila entre o **gigantismo** ousado das grandes realizações oceânicas e o **primitivismo** nómada da pré-história. Repartido entre a função emotiva e poética, de carácter elegíaco, e a função referencial da linguagem, o discurso veiculado na *História Trágico-Marítima* enfatiza de modo recorrente e exaustivo o conflito dramático do *homo viator* na luta pela sobrevivência. Num apelo constante à piedade alheia, o texto trágico realiza intencionalmente uma *cátharsis*, ou processo de purificação do leitor/espectador, a partir da comunhão vivencial com a dor das personagens intervenientes. Nesta partilha espiritual de experiências e dificuldades, emoções e sentimentos, põe-se em funcionamento um mecanismo dialéctico implícito, comum a toda a actividade humana mas aqui naturalmente mais saliente, devido aos condicionalismos específicos da situação expansionista, que é constituído pelos binómios **instinto versus razão** e **natura versus cultura**. Esta tensão, explicitada no domínio das carências básicas, abrange a fome/sede e a **alimentação**, a **nudez** e o **vestuário**, o sono e a **vigilância**, o **repouso** e o **trabalho**.

1. O apetite e a regra

À excepção do **VII relato**, cuja situação não é explicada, a **vida a bordo**, apesar da *regra* ou racionamento imposto, não é a de fome declarada, pelo menos comparada com a da peregrinação. Na viagem de Olinda para Lisboa, que durou quatro meses e meio, já ao fim do primeiro mês começava

a verificar-se a falta de água e mantimentos, carência que foi remediada com a generosa oferta das suas provisões por Jorge de Albuquerque¹. A partir de tal informação, mesmo tendo em consideração a afirmação segundo a qual a **tormenta** é maior do que o **instinto**, o leitor fica atônito com a maravilhosa capacidade de **resistência** à fome e à sede destes viajantes². A dádiva francesa do **podre** e do **amargo**, resposta irónica à latente insurreição portuguesa, constitui uma **provocação** que muitos, mau grado a fome, rejeitam³. O espanto aumenta ao dar-mo-nos conta da referência pormenorizada do mantimento remanescente na Nau, bastante exíguo para quarenta pessoas⁴. Mesmo admitindo o empolamento hiperbólico de tais informações, não é fácil explicar tamanha resistência física, a não ser pela intervenção do **maravilhoso**, talvez como recompensa da repartição fraterna do exíguo⁵. No entanto, o segredo talvez se encontre no rigor extremo e racional da *regra* observada⁶.

Apesar da minimização do coco, como causador do fastio, no **III relato**⁷, não resta dúvida, por este testemunho, quanto ao seu valor calórico e nutritivo, segundo o qual, em dezassete dias, é o último e exclusivo alimento da Nau S. António⁸. De resto, no **II relato**, chega a atribuir-se ao coco o

¹ Cf. Bernardo Gomes de Brito, *História Trágico-Marítima*, Sagrada Congregação do Oratório, Lisboa Ocidental, 1735-36, VII relato, T.II, pp. 13 s.

² “[...] não lhes lembrando comer, nem beber, havendo tres dias que o não fizeraõ [...] muitos de cançados de darem à bomba, cahiaõ no convès fem terem vista nos olhos, com pura fome, e muito trabalho [...]; havendo já muitos dias que não bebiamos agoa, nam vinho, e que o vinagre que fe dava para molhar o padar, eftava já na borra, e que já não havia quem pudeffe dar à bomba, nem terem-fe nas pernas de fraqueza” (Ib., pp. 30. 38. 44).

³ “E fendo muito importunados de nòs, lembrandolhes o defamparo em que nos deixavaõ, nos deraõ dous facos de bifcoute taõ efaltado de verde, preto, e amarello, por fer podre e bolorento, que ainda com a muita fome que padeciamos, não havia quem o pudeffe comer, porque amargava como fel. E affim nos deixaraõ huma pouca de cerveja mais fórte que vinagre, que muito poucos dos noffos a não ouzavaõ beber” (Ib., p. 33).

⁴ “[...] e nella fe não achou agoa, nem vinho, nem mantimento, mais que obra de duas canadas de vinho em huma botija fómte, e huma redoma de vidro com obra de huma canada de agoa de flor, e huns poucos de cocos, e huns muito poucos punhados de farinha de pão, e finco ou feis taffalhos de carne, e de peixe Cavallo” (Ib., p. 34).

⁵ “Com tudo guardoufe para fe dar e repartir por todos irmãmente athè fe acabar, e Noffo Senhor nos acodir com fua mifericordia a eíta neceffidade, e às mais que padeciamos” (Id., ib.).

⁶ “Chegou a regra a fer taõ eftreita, que tres cocos fe repartiaõ no dia por perto de quarenta peffoas que havia, dando a cada hum de quinhaõ tamanho como hum toftaõ pouco mais ou menos, e da cerveja, que era mais fórte que vinagre, fe dava duas vezes ao dia quanto pudeffe molhar o padar, e o que fe dava era couza que não baftava para hum trago, e àlem diffõ era taõ fórte, que muitos a não queriaõ beber” (Ib., pp. 39 s).

⁷ Cf. id, ib., III relato, T. I, p. 212.

⁸ “[...] e quafi em todo eíte tempo não comiamos cada dia mais que tres ou quatro Cocos, fe eraõ pequenos, porque fe eraõ mayorzinhos, tres fómte repartiamos por todos, que eramos perto de quarenta pessoas” (Ib., VII relato, p. 55).

epíteto bíblico de *maná do deserto*, com o mesmo espírito religioso que caracteriza o *Livro do Êxodo* e a travessia hebraica do Sinai⁹: “[...] e neste mesmo dia, para que claramente conheçamos de cuja mão tal obra fahêra, e nos não faltasse o Maná do Deserto, achamos muitos cocos de palmeiras bravas”¹⁰. No **IV relato**, é a *sede* que atormenta a comunidade que vai a bordo, nas águas do Golfo Pérsico, quase até à exaustão, até ser socorrida por Roque Pinheiro¹¹.

No **VI relato**, a gente do mar recusa-se a trabalhar, reclamando com espírito grevista anunciador da época contemporânea, contra a aplicação exagerada da *regra*, enquanto os soldados se vêem constrangidos a suportar o peso de tal recusa e as condições da alimentação, o que é denunciado com espírito subtil e irónico¹². Como sempre, é o espírito reivindicativo o vencedor. Assim, eram os marinheiros os únicos a beneficiarem de meia *regra* de vinho, já que os alcatrazes supriam as carências alimentares dos passageiros¹³. Mas é, efectivamente, na travessia do sertão, na peregrinação, como se disse, que, com certa estranheza, a fome adquire os aspectos mais dramáticos e insólitos, como veremos. Por ora, fixemo-nos nos exemplos de *regra* que aí se verificam.

No **II relato**, chega a distribuir-se um celamim, ou 16ª parte do alqueire, de alpista, alimento que entre nós se dá aos pássaros engaiolados, *que he o melhor mantimento da terra, e que elles tem como reliquias, dizendo que aquillo era para dous dias*¹⁴. No **III relato**, a Nau constitui o melhor

⁹ Cf. *Êx.*, cap. XVI.

¹⁰ *Ib.*, II relato, T.I, p. 127.

¹¹ “[...] onde paffou muito trabalho de fedes neste golfo, por razão das muitas e grandes calmarias que teve; que fe tardaraõ dous dias mais, fem tomarem a Cõsta da India, todos houveraõ de perecer de Fede, por não levarem já huma almadia de agoa, e havia muitos dias que fe não comia arrõs, por não haver agoa com que o cozer, nem bifeuto, e fõ comiaõ Tamaras, e Cocos, e algumas vezes carne affada de huns poucos carneiros que vinhaõ no batel do Navio” (*Ib.*, IV relato, T.I, p. 247).

¹² Faltava já quafi a todos o comer, por não haver ahi vinho d’ElRey, nem o bebiaõ, os Soldados desde que fahiraõ do Brazil, e tomavaõ à custa d’ElRey do que hia na Nao das partes para a gente do mar que fe queixava, e não queria trabalhar, por lhe tirarem huma fiada de tres que tem de regra, e lhe darem duas; com que aos pobres Soldados ficavaõ os trabalhos multiplicados em dobro, coftumado já nelles de dia e de noite, comendo o bifeuto da regra todo podre das baratas, e com bolor muy fedorento, fem haver outro, nem quem o tiveffe para fi, fenaõ muyto poderem fustentar e alimentar corpos taõ debilitados” (*Ib.*, V relato, T.I, p. 392).

¹³ “[...] dos quaes os Gurumêtes tomaraõ quarenta ou fincoenta, que depanavaõ, e comiaõ; e no fabor ninguem faberia bem determinar fer carne, ou peixe; foy muy grande ajuda para remedio, e mantimento da gente, porque havia bem pouco, ou nenhum na Nao [...], nem bifeuto d’ElRey, [...] e este podre, e comido da barata; e ainda affim davaõ meya regra, porque não faltasse de todo [...]; vinho, fõ os Marinheiros tinhaõ meya regra” (*Ib.*, VI relato, T.I, pp. 408 s).

¹⁴ *Ib.*, II relato, T.I, p. 146.

repositório de mantimentos na situação de naufrágio¹⁵. Também aqui a *regra* é o segredo da sobrevivência, juntamente com as diligências na busca de novos alimentos¹⁶.

No **V relato**, é também a ração de bordo que, no início da peregrinação, mantém, com um **rigor racional** acentuado, a sobrevivência dos náufragos¹⁷.

A **abundância**, quase infinda, de **laranjas**, consideradas o *noffo paõ*¹⁸, e alguns resgates não evitam o **comércio clandestino**, contrário ao espírito comunitário, por esta e outras razões proibido¹⁹.

No **VI relato**, apesar de toda a miséria, devidamente salientada, a **comida**, de acordo com um provérbio castelhano, exerce a grata função de **suavizar a dor**²⁰. Até a **carne de macaco**, ainda que criticada como *roim [...] e de muito mà digeftaõ, e peyor fabor*²¹, é reservada aos doentes. Sendo universal e obrigatória a tarefa de **mariscar**²², também os trabalhadores *tinhaõ fua regra ao jantar e cea, de vinho, azeitonas, e marifcos que lhe hiaõ bufcar, e*

¹⁵ “Logo procurâmos por algum mantimento efpecialmente agoa e bifeouto, que depois do batel fóra nos pareceo, que nos podiamos falvar, e logo nos fomos a hum payol a encher facos de bifeouto e pelas cameras a tirar barrís de agoa para cima para a tolda da Nao, que por baixo ers toda quebradaa e arrombada, e falvâmos o mais mantimento que pudemos, entretanto que o tempo nos deo lugar” (Ib., III relato, T.I, p. 179. Cf. p. 182).

¹⁶ “[...] ordenâmos pôr regra fobre noffas vidas em o mantimento, e ordem a tudo para que della pudeffemos merecer o que Deos quizeffe determinar [...]; mandou logo arrecadar os mantimentos que ahi havia todos juntos [...]; e fomos logo ao longo do mar, onde foraõ algumas peffoas a nado a tomar algumas pipas de vinho, que acertavaõ de vir por cima das pedras à terra [...] e tomâmos oito pipas de vinho, e alguns quatrocentos queijos de Alentejo e perto de huma pipa de azeitonas [...]; e neste tempo nos foccorriamos das raizes das hervas, e as affavamos, e os caranguejos” (Ib., pp. 182. 183. 198).

¹⁷ “Ao Domingo feguinte [...], que vinhamos já com algum alvoroço de ver terra, nos mandou dar D.Luis huma talhada de marmellada tamanha como huma caftanha, e não grande, hum frafco de agoa, que de pois foy medido, e não tinha mais que hum quartilho e meyo de agoa para doze peffoas, e havendo tres dias que deixaramos a Nao” (Ib., V relato, T.I, p. 331).

¹⁸ Ib., p. 336.

¹⁹ “[...] e com tudo ifo, o que podia refgatar alguma couza por fralda de camiza, o fazia às efcondidas, e havia muitos que não traziaõ mais que o manto da camiza, e os bocães por mofta, porque lhe era muito defendido por D.Luis, à huma por não haver refgate, à outra por não ficarem defpidos, e com tudo ifto, e com o mais que nesta parte defendiaõ, não aproveitava” (Ib., p. 339).

²⁰ “Ainda que eftes trabalhos, que athèqui paffâmos, pareçaõ em fi aos que os ouvirem e lerem muy grandes (como de feito faõ) todavia os Caftelhanos já dizem: *Que todos los duelos con el pan fon buenos*. Soffremolos com comer alguma couza, ainda que pouca, de paõ, vinho, queijo, e carne, que à cufta d’ElRey fe tomaava às partes, e a quem o tinha, com que fe paffavaõ os enfadamentos do mar, e comprida viaagem, com as efperanças de chegar cedo, couza de que mais fe vive, e alimento de que fe foftem todo o mundo” (Ib., VI relato, T.I, p. 432).

²¹ Ib., p. 441.

²² Cf. id., ib., p. 461.

*outras couzas*²³, é grande a dor que tira o apetite e a agonia da **carência de água**²⁴.

No **VIII relato**, persiste o rigor velado no que diz respeito à regra, insinuada nas comparações **minimalistas** e na especificação **reducionista** da qualidade dos respectivos produtos²⁵. De facto, a **sede** impetuosa e tirânica, já emblematicamente corporizada no mito homérico do **suplício de Tântalo**, transforma a miragem psicológica da água estagnada em paul venenoso, numa confusão entre os códigos do **parecer** e do **ser** que gera a autodestruição, irreversivelmente cega e surda²⁶.

A própria **regra**, incapaz de satisfazer as necessidades da **procura**, não impede o esgotamento do bem natural mais precioso, a **água, fonte de vida**. Assim, surgem soluções engenhosas e complicadas para contornar o problema²⁷. O **leite** vem, então, suprir as carências de outros alimentos. No entanto, a mensagem veiculada é a de um panorama **catastrófico**, como a passagem brusca da iguaria do **milho** à situação de **fome** generalizada²⁸. A **queixa** torna-se agora mais explícita com a minimização do valor e do aspecto dos alimentos – alternativa, alguns deles, mais própria para animais irracionais²⁹.

²³ *Ib.*, p. 460.

²⁴ “[...] com a dor nos esquecia buscar de comer [...]. Tornando a nosso caminho, viemos este dia em muy grande trabalho, e oppressão; porque desde a madrugada que partimos, nunca achamos agoa, e era o Sol tão quente, que nos affava” (*Ib.*, pp. 460. 467).

²⁵ “[...] de bifeouto quanto cabia na mão, huma talhada de marmellada, e hum còpo de vinho bem aguado; a agoa como era muito pouca, não fe dava fenaõ a hum doente. Com isto fe paffava; a fede toda-via era grandissima, porque o vinho aos que não eraõ costumados a elle, não lhes mitigava a fede, e alguns diziaõ, que mais lhe accrescentava” (*Ib.*, VIII relato, T.II, p. 104).

²⁶ “[...] foraõ-fe atrás dos Cafres pela terra dentro, e a pouco caminho deraõ em hum paul de agoa malissima, mas não deixaraõ todos de fe meter nelle. Taõ lastimados hiaõ de fede, e bebendo muito mais terra que agoa, lhes parecia que bebiaõ agoa fria do Rio Douro, ou Minho. Os negros por acenos gritavaõ, que não bebefsem, dando a entender fer a agoa peçonhenta, mas nenhum deixava por iffo de beber, porque tal era a fede, que nem às pancadas os puderaõ tirar” (*Ib.*, p. 108).

²⁷ “[...] havia tres deitados gritando por agoa, da qual fe lhe não dava, fenaõ huma pequena vez à tarde, como aos mais, athè que fe ella de todo acabou [...]. Ao dia seguinte [...], fe viraõ todos muito trabalhados de fede: desfundaraõ o barril, que fora de vinho, e deitando dentro nelle agoa falgada, e conferva que tiraõ de hum barril de peras, e destas tres misturas, enxaugando por vezes o barril, fizeraõ huma calda de que beberaõ aquelle dia, fobre huma pera cada hum” (*Ib.*, pp. 126. 129).

²⁸ “Entre tanto cozia-fe milho, e em quantidade, e alguns cuidavaõ que feria o feo jantar dos Cafres; mas deraõ-no a todos, e affim ficaraõ bem hospedados com esta iguaria, tendofe por banquete; mas dahi por diante lhe foraõ estreitando a regra de maneira, que em muy poucos dias vieraõ a todo extremo de fome; porque muitos dias houve que cada hum não comia mais que hum figo pequeno, e verde, ou fallando mais proprio, em leite” (*Ib.*, p. 109).

²⁹ “Comiaõ neste tempo cafcas de patecas, e farellos de milho, dos quaes algumas vezes faziaõ bolos, que por ferem pegajofos, e fe ajuntarem mal, era neccessario fazerem-nos com

A fome e a sede manifestam-se também no último relato, quando, desembarcados na ilha de S.Helena, os Portugueses se vêem confrontados com a fraca fauna e a deficiência de recursos venatórios³⁰. Uma vez conseguida a pólvora salvífica, a carne das três vacas abatidas, com grande regra, é administrada com a provisão racional que se impunha³¹, não chegando, porém a satisfazer as necessidades fundamentais, devido à esterilidade da terra e à dificuldade de caçar os pássaros chamados rabiforcados, considerados, mesmo assim, de *maliffima carne*. No entanto, a necessidade é mestra de engenhos a arranjar alternativas, de fraca qualidade embora³².

2. O tabu e o peçonhento: necessidade ou temor?

É neste quadro de extrema miséria e heróica sobrevivência que se deparam aos naufragos **alternativas** de **insólita** dificuldade de **opção**. Cúlmen expressivo desta situação, o **II relato** exhibe o comportamento colectivo da mais primitiva **irracionalidade** quando, vencidos pela fome, numa terra estéril e com a falta de resgate de animais, se vêem constrangidos a devorar a própria sola dos sapatos como de uma iguaria se tratasse³³. O **instinto carnívoro** como se aquieta com a descoberta voraz de algum osso de animal, ainda que velho, em analogia com os hábitos **caninos**³⁴. Contradições de um comportamento **paroxístico**, a **racionalidade**, esbatida e ofuscada pela **irracionalidade**, eis a postura configurada exteriormente através da ausência de

folhas de figueiras, envòltos nellas ao modo de requeijoens do Reyno, e *affim* os *affavaõ* nas brazas, e meyo *affados* os comiaõ; que a tanto chegava a ancia da fôme; e quando *deftes* farellos cabia a cada hum feo bolo, ainda que pequeno, tinhaõ-fe por ditofos no jantar

³⁰ “Com este milho cozido, fem mais manteiga, nem azeite, *paffavaõ* os *noffos*, e com tanta regra, e provifaõ padeciaõ à fôme, porque o gado era muito bravo, e o não podiaõ matar, e pedindo para *iffo* duma *efpingarda* aos Olandezes, lha negãraõ dizendo, que a fua ley lhes defendia, que não *dèffem* aramas a inimigos” (Ib., XII relato, T.II, p. 494).

³¹ Cf. id, ib, p. 495.

³² “[...] o que deo cuidado àquella gente, porque fe não eraõ *eftes paffaros*, não tinhaõ com que *paffar*, por a terra fer muito *efterl*, fem fruta, nem herva de comer; e quando em mayor cuidado *efavaõ*, começãraõ os campos de brotar baldroegas em quantidade, e *crefcêraõ* brevemente, das quais faziaõ *pafo*, cruas, e cozidas com os *paffaros*, e como cada hum podia, ajuntando a isto alguns caramujos, de que havia boa quantidade, como tambem a havia de caranguejos, que criavaõ, e habitavaõ em terra, fóra do mar em còvas, por cuja razaõ tinhaõ grande *afco* dellas, e os não podiaõ comer” (Ib., pp. 496 s).

³³ “[...] *crefceo* tanto a *neceffidade* entre nòs, que nos *conftrangeo* a comer os *fapatos* e abraçamentos das rodêlas que levavamos: [...] fizemos a cea de humas alparcas que eu levava calçadas, a quem tambem a *noffa* não menor mingoa fez que não menos *goftofas* as *achaffemos*” (Ib., II relato, T.I, pp. 112. 119).

³⁴ “[...] e o que alcança achar algum *offo* de alimaria, que já velho *efava* taõ branco como a neve, o comia feito em carvaõ, como *f* fora hum abaftado banquete” (Ib., p. 112).

qualquer sinal visível de inteligência ou sentimento humano³⁵. Com efeito, num conflito entre a **necessidade** e o **receio**, diluído pela supremacia do **instinto**, a competição **omnívora** avassala qualquer resquício de reserva ou pudor **racionalis**³⁶. Com esta **sofreguidão desenfreada**, e continuando a representação visual do comportamento irracional, chegam a digladiar-se os próprios parentes, na ânsia voraz de **insectos** e pequenos **répteis**, animais classificados de **torpes** pelo narrador, ou ainda de alimentos suspeitos de **peçonha** ou veneno³⁷. Não admira, pois, que perante este panorama mais próprio de quadrúpedes do que de *homines erecti*, a colheita de plantas pantanosas tenha o sabor de excelente iguaria³⁸. O mesmo se diga do toucinho reparador, que se achou por dita na companhia, *e não foy pequeno remedio, fegundo careciamos de todos*³⁹, em contraste com o efeito das chamadas favas **endemoninhadas**⁴⁰. Efectivamente, a **necessidade** (*anankê*), mais poderosa do que o **temor** e a educação, explica a busca indiscriminada e sem critério lógico do **peçonhento**, cujos efeitos fatais se não fazem esperar⁴¹.

No **III relato**, a **peçonha** provém do corpo humano, pela ingestão sórdida de **urina**: “[...] e *affim* hiamos taõ fracos, que nos não podiamos ter, e *affim* *paff*ámos muita fôme pelo mar, que houve *peff*oas que bebiaõ mijo, e delle *morrèraõ* quatro *peff*oas, outros de agoa *falgada*”⁴².

³⁵ “[...] a *affim* *paff*avaõ huns pelos outros, *fem* nelles *fe* enxergar final algum de *fentimento*, como que todos foraõ alimarias irracionais que por alli andavaõ *pa*fendo” (Ib., p. 113).

³⁶ “[...] trazendo *fômente* o intento, e olhos *pa*fados pelo campo a ver *fe* poderiaõ *defobrir* herva, *offo*, ou bicho (a que não valia *fer* peçonhento) de que *pudeffem* lançar mão; e em apparecendo qualquer *deftas* coufas corriaõ logo todos a quem mais podia para a tomar primeiro” (Id., ib.).

³⁷ “[...] e muitas vezes chegavaõ a ter paixaõ parentes com parentes, amigos com amigos, *fobre* hum *gafanhoto*, *bifouro*, ou *lagartixa*; tanta era a *neceffidade*, e tanta a *lafima*, q. fazia *eftimar* coufas taõ torpes; e caminhando com *este* trabalho tres dias, no fim delles chegâmos a hum outeiro, em que havia muitas cebolas albarans, as quaes não pode defender a *fofpeita* que tinhamos de *ferem* peçonha que *ba*ftava a matar, para que *deixaffem* de fazer dellas a cea; e prouve a *Noffo* Senhor, que por entãõ nenhum mal nos fizeraõ” (Id., ib.).

³⁸ Cf. id., ib., p. 119.

³⁹ Ib., p. 130.

⁴⁰ “[...] veyo a *neceffidade* a *fer* tanta, que nos forçava a comer humas favas, que foy a mayor e mais arrebatada peçonha de quantas *nefte* caminho comemos; porque em acabando de as engolir, davaõ com quem tal fazia no chaõ com todos os accidentes mortaes; de modo que *fe* lhe logo não acodiaõ com pedra Bazar, não podiaõ mais dar *pa*ffo àvante, e ficavaõ fazendo torceduras e geitos com a dor, e afrontamentos que pareciaõ endemoninhados” (Ib., p. 125).

⁴¹ “[...] o tempo [...] *ga*ftava-o cada hum em hir ao mato *bu*fcar alguma couza que *comeff*e, não perdoando a cobra ou lagarto, nem a outro qualquer genero de bicho, por mão e venenofo que *foffe*: e prouve a *Noffo* Senhor que de quantos *eftas* peçonhas comèraõ, *fômente* hum Marinheiro amanheceo morto de hum peixe que à noite alou, de que logo os Cafres o avizàraõ; mas podendo com elle mais a *neceffidade* que o temor, não quiz ter em conta com o que lhe diziaõ, e *difto* acabou” (Ib., p. 159).

⁴² Ib., III relato, T.I, p. 208.

No **V relato**, fazendo jus à actualmente chamada **pedagogia do erro**, é feita a necessária e adequada **prevenção** contra a eventual **toxicidade** de frutas bravas: “[...] e não achámos que comer, nem tão fômente as frutas que vimos em baixo; e tomámos humas figueiras bravas, e começámos de comer, e mandou D. Luís que as cozeffem, e fe aproveitaffem, que as comeríamos, e fe affim as não comeffemos, que nos matariaõ”⁴³.

Se, no **VIII relato**, ainda vamos encontrar uma referência à ingestão **imprudente** de comida venenosa, **nos três últimos** recupera-se a tendência para o **repelente** e o **tabu** alimentar, ora por motivos diplomáticos, ora por necessidade⁴⁴. O narrador do **penúltimo relato** chega a explicar por motivos de **topicalização exótica** esta mudança dos tabus alimentares⁴⁵. De modo idêntico, os cágados são reconhecidos como *iguaria muy regalada*⁴⁶. O guisado *hagiaco*, do nome da pimenta vermelha *hagi*, por tendência climática, é devorado pelos indígenas com a maior naturalidade, causando pasmo ao narrador-personagem⁴⁷.

No **último relato**, por fim, é tal a necessidade que chega a preservar-se a reserva dos repelentes roedores, na ilha de S. Helena, como recurso hipotético para o futuro: “Ha tambem naquella Ilha grande quantidade de ratos, que tem os pès tão curtos, que não andaõ, nem correm, e o feo fugir, e meneyo he em faltos como pulgas, e affim os matavaõ facilmente, e houve pareceres, que os não mataffem, e os poupaaffem para comer, fe tal foffe a neceffidade, a que receavaõ chegar”⁴⁸.

3. A antropofagia e o suicídio, tentações diabólicas

Entre os alimentos-tabus merece particular destaque nos relatos da *História Trágico-Marítima* o da carne humana, pelo menos entre os Europeus, cuja regra por vezes é transgredida, mas sempre explicada em função

⁴³ Ib., V relato, T.I, p. 335.

⁴⁴ “[...]com tudo, muitos apertados da fôme comèraõ dellas, mas pagavaõ-no logo com trabalhos vòmitos, e outros accidentes que lhes fobrevinhaõ” (Ib., VIII relato, T.II, p. 107). “[...] trouxeraõ a este negro hum grande cabaço de vinho, cheyo de baratas, feito de milho a que chamaõ Pombe, de que deo de beber a Nuno Velho, e aos mais Portuguezes, que com elle eftavaõ, e todos o goftàraõ, por lhe fazer o mimo, e cortezia” (Ib., X relato, T.II, p. 288).

⁴⁵ “E o melhor he, que os Portuguezes, ainda que nafcidos cà em Portugal, com o afço que todos temos a Cobras, e a Lagartos, mudado o clima, mudaõ tambem a natureza, e perdem todo este affombramento, e achaõ em fua carne tanto gofto como os Indios; de maneira que eu me efpantey de ver, quanto hum faboreava na pofta de hum que fe matou em huma ribeira, onde eu eftive huma tarde” (Ib., XI relato, T.II, p. 334).

⁴⁶ Ib., p. 385.

⁴⁷ “[...] e comem com todo o gofto, como fe elles tiveffem as lingoas e gargantas ladrilhadas, couza que nõs cà não queremos tocar, nem ainda com a ponta da lingua” (Ib., p. 416).

⁴⁸ Ib., XII relato, T.II, p. 497.

da extrema necessidade. No **II relato**, assinala-se claramente a prática intencional da **antropofagia** por parte de quatro Portugueses que tinham sido enviados a Lourenço Marques: “[...] porque elles conſtrangidos da fome, tomàraõ hum Cafre que topàraõ ao longo do mar, e metendo-fe com elle em hum mato, o efpoſtejàraõ e affàraõ para fornecerem os alforges”⁴⁹. No entanto, tal prática é posta em causa através da voz autorizada do Capitão, corroborada pela apreciação do narrador, em cuja argumentação não é alheio o valor aristocrático da **honra** (*timê*) ou do prestígio ou, na versão negativa, da desonra ou má fama colectivas, ou seja, em nome de uma **identidade cultural** desacreditada: “[...] conſtrangeo a neceſſidade a muitos ferem de parecer que comeſſemos a eſte Cafre; e ſegundo fe já foava, não era eſta a primeira vez que a defaventura daquella jornada chegàra a alguns a goſtar carne humana mas o Capitaõ não quiz conſentir em tal, dizendo, que fe cobraſſemos fama que comiamos gente, d’alli athè o cabo do mundo fogiriaõ de nõs, e trabalhariaõ de nos perſeguir com muito mais odio”⁵⁰.

No **VII relato**, chegam os esfomeados a requerer autorização hierárquica no sentido de lhes ser permitida a transgressão desta regra-tabu como única alternativa à subsistência própria⁵¹. Num apelo dramático ao *compos sui* e à razão, o digno Capitão procura dissuadir os pobres companheiros de infortúnio de cometerem acto tão vil, acossados pelo **erro** (*míasma*) e pela **cegueira** (*átê*), discernindo lucidamente entre o **desejo** e a **consciência**, diagnosticando a fome como ruim conselheira, desafiando-os à desfaçatez de serem capazes de eleger o seu cadáver como objecto privilegiado de tão bruto desejo⁵². Comparando hiperbolicamente a situação ao exemplo paradigmático do Cerco de Jerusalém, o narrador realça o apelo à superação de tal conflito a partir da linguagem da afectividade e da religiosidade⁵³.

Todavia, em contraste com a robustez humana do Chefe, a **pusilanimidade** dos súbditos e a sua fraqueza espiritual engendram outra solução medíocre, interpretada como tentação diabólica, a do **suicídio colectivo**⁵⁴.

⁴⁹ Ib., II relato, T.I, pp. 122 s.

⁵⁰ Ib., p. 135.

⁵¹ Cf. id, ib., VII relato, T.II, p. 47.

⁵² “[...] e lhes differe com muita dor, que aquillo que lhe diziaõ era tão fóra de razão, que erro e cegueira muito grande feria conſentir em tão bruto defejo; mas que bem via, que vencidos da neceſſidade prezente tomavaõ aquelles conſelhos que lhes dava tão roim conſelheira como a fome era, mas que lhes pedia que olhaſſem bem o que queriaõ fazer, porque elle em quanto foſſe vivo tal não havia de conſentir, e que depois d'elle morto, podiaõ fazer o que quizeſſem, e comello a elle primeiro” (Ib., pp. 47 s).

⁵³ “Bem pôde, quem quer iſto ler, julgar, que taes eſtariaõ os homens, que chegàraõ a termos de fazer coufa nunca ouvida, fenaõ no Cerco de Jeruſalem. Começou Jorge de Albuquerque a conſolallos com palavras de eſperança em Deos, em cuja mãõ eſtã todo o remedio” (Ib., p. 48).

⁵⁴ “E vendo o perverſo inimigo, que os não podia levar fóra da eſperança, em que as palavras

Descoberto e gorado o **plano diabólico**, outros se seguiriam, como o *defatino e defconcerto* das brigas, dando cumprimento ao ditado popular: *Casa onde não há pão / Todos ralham e ninguém tem razão*. A todas estas **tentações** se impõe o discurso persuasivo do grande Dirigente, a partir do argumento da perda dos corpos e das almas⁵⁵.

O VI relato dá-nos, por seu lado, a referência fundamental de uma prática exótica que chocou profundamente o homem renascentista europeu: o canibalismo. Em contraste **civilizacional** com a consciência de culpa, resultante da transgressão do **tabu**, e com o apelo à repressão do **instinto**, os Lampões, na ilha de Samatra, são comparados, no **canibalismo**, aos Tapuias, no Brasil. Obrigados pela necessidade a conviver com tais etnias, os Portugueses não deixaram de sofrer as terríveis consequências de tal cooperação⁵⁶. O resultado é fatal para os defensores de uma civilização ao serviço do respeito pelo homem, *ante e post mortem*: “[...] e nos dias, que ahi efivemos nos matàraõ, e comeraõ alguns homens, fem podermos acolher à mão nenhum delles”⁵⁷. O canibalismo constitui, efectivamente, o lado mais lúgubre da miséria humana, o expoente máximo do sacrifício oferecido pelos Portugueses de Quinhentos, no altar da epopeia, às divindades-mitos do progresso da humanidade e da cooperação e fraternidade universais.

4. A predação – a luta entre homem e fera

Num universo aberto à livre competição animal, com o recurso limitado ao armamento, o homem peregrinante vê-se constantemente desprotegido ante a ferocidade carnívora, gerando-se uma certa inversão no ciclo da **cadeia alimentar**⁵⁸. Gulosas de carne humana, as feras habituaam-se a atacar

de Jorge de Albuquerque os punhaõ, e a particular confiança em Deos, com que cada hum de nòs eferava de *fe* falvar, defejando que afracaffem nella, como inimigo de noffas almas, começou a ufar hum novo, e não cuidado ardil contra nòs [...]. Vencidos de taõ mão confelho do falso inimigo, consultàraõ alguns delles entre fi, [...] que arrancaffem huma taboa do fundo da Nao para com mais brevidade *fe* hirem ao fundo, e com iffo ficarem fem vida, e fem trabalhos, que com a ter padeciaõ” (Ib., pp. 48 s).

⁵⁵ “Prouve a Noffo Senhor, que [...] Jorge de Albuquerque [...] lhes tirou do penfamento os danados propofitos que tinhaõ, e affim ficàraõ livres do diabolico laço que o inimigo lhes tinha armado [...]: e neste *fe* perdiaõ corpos, e almas, por quererem tomar a morte com fuas mãos, defefferando da mifericordia de Noffo Senhor” (Ib., pp. 50 s).

⁵⁶ “Ha entre alguma gente defta Ilha, perto de donde nos perdemos, huns, a que chamaõ Lampoens, que comem carne humana, como os Tapuyas no Brazil, aos quaes *fe* parecem nos corpos, cores, e feiçoens; e eftes andàraõ alguns dias comnofco à caça” (Ib., VI relato, T.I, p. 446).

⁵⁷ Ib., p. 453.

⁵⁸ “[...] cada dia desfallecia mais a gente, e não havia dia que não ficaffe huma ou duas peffoas por effas prayas, e pelos matos, por não poderem caminhar; e logo eraõ comidos dos Tigres, e Serpentes, por haver na terra grande quantidade” (Id., I relato, T.I, p. 20).

não apenas os estrangeiros indefesos mas também os indígenas, causando numerosas baixas⁵⁹. Comer e ser comido é o **ciclo** da reciprocidade **predadora** na luta entre homem e fera, como no **VIII relato** se documenta, a propósito do convívio tradicional entre os Africanos e os crocodilos. Trata-se de uma saga competitiva, cheia de ardis e requintes de crueldade sagaz, até ser festivamente coroada pelo vencedor⁶⁰. O seu estranho gosto de putrefacção, patente no caso do ataque aos búfalos, impressiona naturalmente, porque oposto à tendência humana para a valorização do **fresco** e do **sadio**: “[...] porque dizem, que nada còme *faõ*, quando o toma, *fenaõ* que primeiro o deixa a apodrecer; mas *ifto* deve *fer* quando não *eftiver* muito faminto”⁶¹. Herbívoros por tendência natural, os elefantes não deixam, contudo, de se vingar da caça humana. Daqui o **pavor** gerado pelos paquidermes aos habitantes de Ceilão, superior ao dos leões, tigres e ursos, devido ao seu **prazer de matar**⁶². A título de excepção, conta-se um caso, referido pelos Jesuítas, de um ataque com consequências carnívoras: “De hum com tudo ouvîraõ dizer os Padres naquella Ilha, que matando huma mulher a comêra”⁶³. Também merece referência o instinto materno de defesa das crias por parte dos ursos, como no caso relatado de uma presa enlaçada por engano, com consequências funestas para os caçadores⁶⁴.

⁵⁹ “E porque os Cafres nefes dias andavaõ mais confiados, e com menos refguardo em fuas peffoas, vendo eftas Fêras melhor aparelho nelles para fuas prezas, começáraõ a fazerlhe outro tanto como a nõs; de modo que em efpaco de quatro mezes levàraõ paffante de cincoenta, e muitos delles de dia, e dentro no Lugar” (Ib., II relato, T. I, p. 153).

⁶⁰ “He bicho crueliffimo, na caça muito *fagàs* quando quer tomar algum negro; porque em Sena acontece às negras que vaõ levar, ou tomar agoa ao rio, não nos verem, nem fentirem (taõ agachados e cozidos efaõ com a areia) e dando com o cabo fubitamente cingem a preza, levandoa atràs de fi; e depois de mergulharem abaixo, tornaõ outra vez a furgir com ella, e moſtralla de algum penedo; e depois de eftarem *affim* hum pouco, tornaõ-fe a mergulhar com ella; e os negros dizem que os Lagartos fazem *ifto* para os mais magoar. Os negros tomaõ alguns pequenos nas redes, que logo o mataõ, e comem com muita feſta, em vingança dos danos que delles recebem” (Ib., VIII relato, T.II, pp. 147 s).

⁶¹ Ib., *Descrição de Columbo*, T.I, p.p. 269 s.

⁶² “E todos *faõ* taõ crueis *fó* contra o homem, que havendo em Ceilaõ Tigres, Uffos, Bufaros bravos, e outros Animaes féros (porque *fó* faltaõ na Ilha Leoens, Onças, e Abadas) e *fó* dos Elefantes *fe* tem medo, e de feo nome *fe* fóge *fem* repairo, porque *fó* elles *fe* poem nos caminhos a eſperar a gente, e o que he maior confideração neſta ferocidade grande, que a buſcaõ *fó* para a matar pelo odio que lhe tem, porque não *fe* cevaõ nella” (Ib., p. 259).

⁶³ Id., ib.

⁶⁴ “[...] armàraõ certos Mouros hum laço de arame para tomar hum veado, e hindo ao dia feguinte dous delles ver *fe* tinha cahido, cahîraõ elles no que não eſperavaõ, *ifto* he nas unhas e dentes de huma Uffa, cujo filho em lugar do Veado eſtava no laço, e ella junto delle eſperando quem lho armàra para *fe* vingar, e por não levarem nada nas mãos, os tratou taõ mal, que ambos eſtiveraõ à morte, e ainda quando nõs chegâmos, não eſtavaõ *faõs*. Tanto pôde o amor natural, ainda nas fêras, fazendoas mais do que *faõ*; *affim* dera elle a eſta o fabello defatar do laço, como lhe deo animo para o defender em quanto pode” (Ib., p. 272).

5. A devastação e a ecologia

Sensíveis como somos, no mundo contemporâneo, às questões ecológicas, não deixa de ser bastante curioso verificar como se passa, logo no **III relato**, da extrema **limitação à devastação das espécies**, o que provoca a necessidade de preservar a origem e a fonte do próprio abastecimento: “[...]e feriaõ dez ou doze mil paffaros, e em obra de vinte e quatro ou vinte e cinco dias não ficariaõ mais que dous mil”⁶⁵. Inicialmente, as **aves de rapina** deixam o rastro perturbador da sua voraz **predação**⁶⁶. Depois, surge a consciência da necessidade de controlar a caça: “[...] mandou lançar pregaõ, que nenhuma peffoa matàffe paffaros na Ilha, nem que fizeffe fogo nenhum, mais que aquelle que elle quizeffe”⁶⁷. Mas, ou por individualismo e insensibilidade, ou por descrédito da juventude, como era próprio de uma sociedade gerontocrática, impera a desobediência formal e a desorganização social, numa destruição do meio ambiente, reforçada pela posterior devastação das **palmeiras**, em conjugação com o receio da **oposição ecológica** dos Africanos⁶⁸.

6. O cru e o cozido

A **dicotomia cru/cozido**⁶⁹, reveladora da oposição **natura/cultura**, inscreve-se na lógica do discurso cronístico, acompanhando as diferentes condições que envolvem a trajectória dos espaços marítimo e terrestre.

No **III relato**, estabelece-se a distinção entre a ração dos doentes e a dos saudáveis, a partir da variável culinária do cozido, da acção do fogo, devido à falta de lenha. Objecto de maior atenção e carinho, são os doentes privilegiados com esse mimo simultaneamente estimulante do **apetite** e da **cura**⁷⁰.

⁶⁵ Ib., III relato, T.I, p. 185.

⁶⁶ “[...] e elles nos derão tanto trabalho pelo mão regimento que tinhaõ, que de todo nos deixàraõ por perdidos, porque todo o mantimento destruhíraõ primeiro que fe foffem; e foy de maneira q. athè levàraõ hua cachorra que veyo da Nao em hum pedaço de chapitèõ” (Id., ib.).

⁶⁷ Ib., p. 188.

⁶⁸ “Mas tanto aproveitou o pregaõ como fe nunca o dèraõ, porque não fe paffava noite nenhuma, que não mataffem mais de duzentos paffaros, e affim ordenado ifto puzeraõ cobro fbre os paffaros que na Ilha havia, que os não comeffem todos juntos, os quaes remediavaõ parte alguma da fôme, que entre nòs havia [...] e dahi por diante fe gastàraõ os paffaros muito mais regidamente que de antes. [...] temerofos, por acharmos a destruição feita nas Palmeiras, por amor dos negros, que vendo este deftroço nos matariaõ” (Ib., p. 196. 213).

⁶⁹ Cf. Lévi-Strauss, C., *Le cru et le cuit, passim*

⁷⁰ “Aos doentes fempre tivemos cuidado de lhe darmos fua ração bem cozida [...]. Athè Janeiro dèmos à gente todo o comer cozido, e d’alli por diante por não haver fe dava o peixe cru, e aos doentes fe dava cozido, e lho levavamos pelas choupanas, e os outros com trapos velhos e herva o coziaõ” (Ib., p. 203).

Em tempo de grande carestia, a alimentação dos sobreviventes atinge o nível mínimo de subsistência com a cozedura do azeite e água: “[...] e não nos mantinhamos fenaõ em azeite cofido com huma pouca de agoa, e ifto bebia-mos naquelles doze dias”⁷¹. O próprio leite de coco é cozido como medida revigorante que se junta à virtude divina⁷². Os caranguejos, prato forte da ementa em vários relatos, também são submetidos à acção do fogo, que confere melhor sabor na dupla forma de cozido e assado (“Procurâmos entaõ de bufcar couza que comeffemos, e tomâmos caranguejos, que cozemos, e affã-mos”⁷³).

No **IV relato**, a cozinha a bordo traz tais inconvenientes que chegam a tomar-se medidas alternativas durante certo tempo⁷⁴. No **VI relato**, a fritura, por carência de sal, preserva o peixe da corrupção a que está facilmente sujeito em clima tropical⁷⁵. Em vários relatos se dá conta do **milho cozido**, do **arroz** como alimento desejado⁷⁶, bem como de **carne assada** de vaca e de cordeiro, como ementa relativamente recorrente, a partir dos resgates efectuados⁷⁷.

7. O tabaco, virtude ou vício, mezinha ou morte?

Conhecida na Europa a partir da segunda viagem de Colombo, a **folha de tabaco** suscita, no **penúltimo relato**, as mais díspares reflexões da parte do sujeito da escrita, as quais se prendem com a magia dos seus efeitos antagónicos. Por um lado, usada no final dos banquetes, como **última iguaria**, apresenta-se com a sedução de *hum prato muy fermofo cheyo de tantos rolos, ou canudinhos, como elles chamaõ, feitos daquellas mefmas folhas*

⁷¹ Id., ib.

⁷² “Neste comenos veyo hum homem fazer leite de cocos, e coziamo-lo, o qual bebido com a virtude de Deos nos pôs muita fuftancia, e forças” (Ib., p. 212).

⁷³ Ib., p. 209.

⁷⁴ “E porque lhe ficava fazendo mayor o fumo do fogaõ, que os cegava, por ainda naquelle tempo vir debaixo do convès, houvèraõ os Fidalgos, e Criados d’ElRey, que davaõ à bomba, por menos mal não comerem couza que houvèffe de fer feita ao fogo, que fazer-fe de comer com taõ grande contrapezo, como era o do fumo. [...]. Francisco Barreto [...] fez com mandar ferrar duas pipas pelo meyo, de que fe fizeraõ quatro celhas, que fe puzeraõ no convès da Nao cheyas de vinho, agoa, e bifeouto, e algumas confervas, de que fe fuftentàraõ tres dias, em que fe não comeo couza que fe houvèffe de fazer com fogo” (Ib., IV relato, T. I, p. 225).

⁷⁵ “[...] fregindo o peixe que tomavaõ, porque lhe não durava, nem aproveitava de hum dia para o outro, pela grande quentura e humidade, e por não haver fãl” (Ib., VI relato, T.I, p. 451).

⁷⁶ Cf.id., ib., p. 343.

⁷⁷ Cf, id., ib., p. 319. X relato, T.II, p. 255.

*feccas enroladas, quantos faõ os convidados*⁷⁸. Neste contexto, a sua atracção magnética é contagiante, despertando os efeitos mais opostos, de acordo com as necessidades do seu utilizador, como se de uma mezinha ou poção mágica se tratasse, o elixir do bem-estar⁷⁹. Por outro lado, filtrando a fama de tais qualidades, o sujeito, testemunha dos seus reais efeitos, em situação de enfermidade, desmistifica o seu valor com argumentos de grande peso que só nos nossos dias encontram a sua plena confirmação científica⁸⁰.

8. As metamorfoses do engenho – *homo habilis*

Se o instinto feroz se sobrepõe, em muitas situações, ao uso criterioso da razão, em outras, devidamente explicitadas, é perfeitamente dominado, cedendo lugar à ultrapassagem sagaz do obstáculo. É o que acontece com determinadas **soluções engenhosas**, sobretudo a bordo.

As **espadas**, símbolo da esgrima e da **disputa cavaleiresca** do poder, são, em face da necessidade de instrumentos de trabalho, transformadas em **serras**; os **cabos**, lançados pelo mar, são aproveitados como **estopa**; das **pipas** faz-se **carvão**, aproveitando-se os **pregos** e os **anzóis**. É a **orquestração do engenho** e do trabalho, numa **recriação** incessante do *cosmos*⁸¹. Das próprias **camisas** se constroem **velas**, enquanto as **linhas de pesca** se transformam em **cordas**⁸². Por vezes, as soluções, ainda que hábeis, são insuficientes para conterem o ímpeto das dificuldades⁸³. A imposição de tais soluções está bem patente no carácter **precário** dos seus efeitos, mas, mesmo assim, perfeitamente úteis e necessários: “[...] o lème andava dependurado por hum

⁷⁸ Ib., XI relato, T.II, pp. 374 s.

⁷⁹ “Aos que tem fome ferve de paõ; aos que tem fede, ferve de agoa; aos que comèraõ deftemperadamente, e estaõ fartos, dizem que ficaõ defalijados; fe estaõ encalmados, que os refresca; fe frios, que os aquece; fe com mãos humores, que lhes bota fóra o pò mohido, e tomado pelos narizes, com o qual pò alguns mifturaõ cinza para o fazer mais fórt” (Ib., p. 375).

⁸⁰ E nefta fórma experimentey eu tambem fua virtude, applicando-me em hum accidente, como unica e fíngular mèzinha [...]. Eu mais difficultosamente dey credito a tantas virtudes fuas, que ao que muitos me differaõ, que era couza ordinaria, abrindo-fe alguns mortos por algumas occaõens, acharam-lhes, pela continuação e ardor deste fumo, tudo por dentro negro, e toftado, como huma cheminè; e que aos que comèçaõ a tomallo palos narizes, acontece ficarem as primeiras vezes em extafe, pela força, ou furor, com que acommette ao miolo, lidando interiormente o paciente daquella divindade, como aconteceu a hum bem rico, que eu conheci, que estava quafi morto” (Ib., pp. 375 s.).

⁸¹ Cf. id., ib., III relato, T.I, pp. 205 s.

⁸² Cf. id., ib., p. 207. V relato, T.I, p. 334.

⁸³ “[...] e determinâmos de fazer betume de farinha de bifeuto, e arroz, tudo calcado aos piloens, e por encontro hum pè de carneiro; e com fer a altura das picas, e com a immundicia q. tinha, e com a grande força de agoa aproveitavaõ pouco os remedios que lhe faziaõ” (Ib., V relato, T.I, p. 321).

fó ferro que lhe ficou, e lançamoslhe humas cordas como bragueiras para que nos pudeffe *affim* fervir dous ou tres dias”⁸⁴.

Nesta **arte do improviso**, tão caracteristicamente **nacional**, impõe-se geralmente a visão limitada do **curto prazo**, como se só contasse o **tempo presente**, o aspecto **pontual** e instantâneo, em face da proliferação e ampliação das dificuldades, chegando a utilizar-se **queijo** flamengo na operação de **calafetagem**⁸⁵. Numa antecipação da lei física de Lavoisier, tudo se transforma em ordem à concretização do objectivo desejado, a construção do batel⁸⁶. E, numa confirmação da plena **reversibilidade** das coisas, de acordo com as **circunstâncias** e as **necessidades**, se antes se transformavam instrumentos bélicos em aparelhos produtivos, agora é o oposto que se verifica, como se nada ou quase nada fosse **definitivo** e duradouro: “[...] e dos remos fizeraõ hafteas de lanças, e por ferros lhe puzeraõ verrumas dos Carpinteiros”⁸⁷.

9. A nudez e o vestuário

Encarado na civilização europeia como uma carência básica, resposta humana às exigências do clima, o **vestuário** cedo ganhou a dimensão cultural de uma determinada maneira de estar na vida e de se apresentar em público.

Na *História Trágico-Marítima*, a **nudez** forçada, emblemática da cultura que Dodds⁸⁸ intitulou da **vergonha**, apresenta o duplo cariz de castigo infligido ao código de **honra**, em contraste com a **naturalidade** das civilizações autóctones dos Trópicos, e de exposição indiciária dos tormentos próprios. O **pudor** mortal de D. Leonor de Sá, incapaz de se conter nos parâmetros mais vastos da argumentação da nudez original⁸⁹, é a expressão mais eloquente desta **cultura da vergonha**: “E vendo-fe D. Leonor defpida, lançoufe logo no chaõ, e cubriofe toda com os feos cabelos, que eraõ muito compridos, fazendo huma cova na area, onde fe meteo athè a cintura, fem mais fe erguer

⁸⁴ Ib., VII relato, T.II, p. 37.

⁸⁵ “[...] determinàraõ-fe muito de propofito ao concerto do batel, e de taboas de caixoens calafetadas com camizas, e com huma ponta de faca, e queijo de Framengos amaffado em breu, lhe fizeraõ a popa, e com o mefmo pano, e queijo calafetàraõ muita parte della: porque eftava mal, que quafi por todas as partes fazia agoa” (Ib., VIII relato, T.II, p. 93).

⁸⁶ “Ordenoufe nelle a Cevadeira de hum lançol, e de huma teada de panno de linho, o maftro fe fez de huma barra de cabrestante, a verga de dous [...] a enxarcea fe fez de linha de pefcar, e de fios [...]; a fatecha de feis cunhas de berços com mais hum faco, em que hiaõ mil a trezentos cruzados; ferviaõ de lème duas pàs, com que fe teve muito trabalho”(Ib., p. 94. Cf. V relato, T.I, p. 331).

⁸⁷ Ib., IX relato, T.II, p. 171.

⁸⁸ Cf. Dodds, E.R., 1988, cap. II, pp. 36-74.

⁸⁹ “[...] que lhe lembrava que nafcèraõ nùs” – Ib., I relato, T.I, p. 34.

d'alli''⁹⁰. Igual pudor se revela no **último relato**, quando as mulheres de condição nobre preferem deixar-se queimar a enfrentarem, despidas, o mar⁹¹.

Se a nudez ou a seminudez constituem um dos índices mais significativos do estado miserável a que chegaram as várias comunidades de náufragos⁹², em visível contraste, o **vestuário** garrido e luxuoso das sedas da China representa um dos sinais mais apreciados de acolhimento desses grupos no seio da civilização recuperada⁹³. Ao invés, a civilização **africana**, tal como a **ameríndia**, de acordo também com o clima e a proximidade da Natureza, dispensa o traje e o atavio, tão caros à civilização europeia: “E como a gente de todas aquellas partes *fe* cria por entre os matos, nua *fem* ley, *fem* coftume, *fem* atavios, nem outras neceffidades”⁹⁴.

10. A habitação – do ar livre às choupanas

Num contraste térmico impressionante, o **frio gélido** e o **calor tórrido** são dois grandes inimigos dos pobres peregrinantes europeus, habituados a temperaturas moderadas na sua pátria e à relativa facilidade em dominar, nos países tropicais, as incomodidades do clima. Sensíveis a estas bruscas mudanças térmicas, tanto o **VI** como o **VIII relatos** sublinham como um verdadeiro sofrimento tais oscilações⁹⁵. Ainda que suavizados pelo calor da fogueira, a **noite**, na praia ou no mato, é um grande obstáculo a ultrapassar, com condições inóspitas de habitabilidade⁹⁶.

⁹⁰ Id., ib.

⁹¹ Cf. id., ib., XII relato, T.II, p. 521.

⁹² “[...] andavamos quafi nus, trazendo fómte veftidos huna farrapos porque nos appareciaõ as carnes em muitos lugares” – Ib., II relato, T.I, p. 154.

⁹³ “[...] e fahidos pela Barra fóra, às nove horas do dia, bem triftes e defaventurados, affim todos nûs em carnes, e muito feridos, de que morrêraõ depois dêz ou doze, nos puzemos a caminho [...]; e com palavras meigas e brandas confolavaõ noffos efpiritos, e muito mais com beneficios, e boas obras, veftindo-nos a todos de muitas fedas da China de muy deverfas e alegres cores: de maaneira que o haviamos por fonho, e couza de encantamento” (Ib., VI relato, T.I, pp. 475. 476. Cf. id., ib., p. 392. XI rel. T.II, p. 399).

⁹⁴ Ib., II rel., T.I, pp. 147 s.

⁹⁵ “[...] o frio de noite era infoportavel, e de dia ardiaõ todos com calma [...]. Em fahindo o Sol, eſperavaõ ter algum refrigerio do frio paffado, mas tudo era fahir da neve, e entrar no fogo; porque a poucas horas o Sol era taõ quente, que os affava; affim eſfollou a todos pelos braços e hombros, ficando taes, que nem a propria mão foffriaõ porem nelles” (Ib. VIII rel., T.II, pp. 105. 107 s).

⁹⁶ “O gazalhado da noite era incompativel [...]; debaixo de duas deſtas [choupanas] fe reco-lhiaõ todos os do batel de noite, e ficando ſempre alguns de fóra, eſtavaõ taõ apertados, que muito por eſta cauſa não podiaõ dormir toda a noite; a cama era de herva taõ aſpera, que ficava toda eſtampada no corpo: affim paffavaõ nûs, e por ſer ainda Inverno neſta terra, o frio era grande; valiaõ-fe neſta occaſiaõ do fogo toda a noite, porque neſta terra havia muita lenha, e taõ boa, que a verde ardia melhor que a feca de Portugal; mas como traziaõ o frio

Mesmo sob a impressão de um certo sensacionalismo hiperbólico, a aproximação comparativa da areia aos colchões e do céu aos cobertores não deixa de sensibilizar negativamente o leitor: “[...] e alli fizeraõ fuas fogueiras, e dormiraõ fobre a dura area, que naõ tinhaõ outros colchoens, nem outros cobertores, mais que o Ceo”⁹⁷.

De acordo com a **pedagogia da necessidade**, a construção de choupanas, no **VI relato**, manifesta um nítido hibridismo cultural, numa conciliação dos elementos botânicos com o panejamento transportado da Nau⁹⁸.

De acordo com a profunda religiosidade da época, aguçada ainda pela miséria da tripulação, os náufragos reservam para o culto a Deus o melhor das suas posses. Assim, na construção do templo cristão, *com grande fervor e devoção*, é mais notória a riqueza dos panejamentos nórdicos, num clima festivo, bem necessário ao estado de espírito dos sobreviventes: “[...] e as paredes aparamentadas de panos de Raz, e paninhos de Flandes, que da Nao *fe falvãraõ*, e ornamentos *fingulares* de veludos e *fetins*, que *fe* fizeraõ galantes, e muy bem feitos”⁹⁹.

Mas, numa leitura pelo **reverso da medalha**, o **II relato** lamenta, a **representação paradoxal do provisório luxuoso**, índice da própria **condição humana**, sujeita à contradição das situações que ultrapassam a vontade pessoal ou colectiva: “Pelo que pondo cada hum mãos à obra, em poucas horas *fe* pudera ver hum *luftrofo* e *foberbo* alojamento feito de alcatifas riquiffimas, e de outras muitas peças de ouro, e *feda*, *gaftadas* em bem differente ufo do para que foraõ feitas, e dos propofitos com que *feos* donos as tinhaõ ganhadas com taõ largos trabalhos, com que *femelhantes* coufas *fe* adquirem”¹⁰⁰.

11. Autodefesa e ordem social (a *pólis*)

Como se infere do exemplo paradigmático do **I relato**, as **armas** constituem um património indispensável à **autodefesa** da pequena comunidade em diáspora. Quase todo orientado nesta linha de argumentação, tal relato responsabiliza claramente a **imprudência** e a **degradação mental** de Sepúlveda pela entrega das armas, cinco espingardas, ao Régulo inimigo, pela qual

nas medullas e *offos*, *fe* de huma parte *fe* aqueitavaõ, da outra *fe* *fentiaõ* enregelados” (Ib., pp. 109 s).

⁹⁷ Ib., IX rel., T.II, p. 180.

⁹⁸ “[...] e *affim* *affentãmos* *noffas* choupanas feitas de ramos, e taboado da Nao, cubertas com pannos, dos muitos que o mar de *fi* deitava, que nos a chuva apodreceo em pouco tempo; e dahi a alguns dias a *neceffidade* nos enfinou a bufcar de outra parte Ola, que achãmos muito boa, que he huma folha como de *efpadana*, com que *neftas* partes coftumaõ cobrir as *cafás*” (Ib., VI rel., T.I, p. 447).

⁹⁹ Ib., p. 449.

¹⁰⁰ Ib., II rel., T.I, p. 64.

pagou caro, com sua família e compatriotas, como, aliás, foi advertido pela **clarividência** de sua mulher¹⁰¹. Nos restantes relatos, passa a valorizar-se as munições com o mesmo respeito com que se arrecadam e se salvaguardam os mantimentos, como nos ilustra o **VI relato**¹⁰².

Todavia, manifestando a **bivalência das situações humanas**, as **armas** também constituem um **perigo** para a própria sobrevivência da comunidade, confrontando-se, então, o **instinto de defesa** e o **respeito da ordem social**, a **desordem** e o **prestígio**¹⁰³. É assim que, para evitar males maiores, e na contenda entre duas forças de valor paritário, o recurso à **persuasão** e à **brandura** constitui o único árbitro capaz de resolver a questão: “O Padre Frey Thomàs Pinto com muita brandura lhes pedia as armas, as quaes muitos lhe entregàrão, pofto que alguns houve que as não quizerão entregar”¹⁰⁴. Mesmo assim, não se evitam excessos na competição pelo batel salvífico, incluindo as mulheres¹⁰⁵. Neste **caos apocalíptico**, numa demonstração do adágio popular de tipo hobbesiano, *homo homini lupus*, a resistência ousada de um moço de quinze anos diante do batel exemplifica claramente a **luta** entre o **instinto** e a **razão**: “[...] puzeraõlhe huma efpada diante, a qual elle naquelle conflito não temeo, mas antes, como fe lhe fora dado cabo, pegou della, e não fe defapegou della fem o recolherem, a troco porém de huma grande fenda na mão”¹⁰⁶.

¹⁰¹ “Então mandou o Capitaõ que puzeffem as armas, em que deſpois de Deos eſtava fua falvação, e contra a vontade de alguns, e muito mais contra a de D.Leonor, as entregàrão; mas não houve quem o contradiffeſſe fenaõ ella, ainda que lhe aproveitou pouco. Então diſſe: Vòs entregais as armas, agora me dou por perdida com toda eſta gente [...]. Tanto que os Cafres viraõ os Portuguezes fem armas, como já tinhaõ concertado a traiçaõ os copmeçàrão logo a apartar, e roubar, e os levàrão por effes matos, cada hum como lhe cahia a fôrte” (Ib., I rel., T.I, p. 31).

¹⁰² “[...] e logo a par da fua fe fez outra caſa de Almazem de mantimentos, e muniçoens, que fe da Nao puderaõ tirar [...]. Tinhaõ feis eſpingardas, chuças, piques, e eſpadas muitas, que fe achàrão nas arcas, que o mar lançàva fóra, que parece vinhaõ nellas para vingança. E tanto que fomos apozentados, fe teve logo conta com o que mais nos era neceſſario para noſſa falvação” (Ib., VI rel. T.I, p. 447. Cf. III rel., T.I, P. 190).

¹⁰³ “[...] e como era muita [gente] temeraõ-fe os que nelle [batel] eſtavaõ, que houveſſe ao embarcar algum grande trabalho, como em taes occaſioens acontece, o qual para fe evitar foy grande remedio pedir então o Capitaõ [...] ao Padre [...] que por algum bom modo houveſſe as armas daquella gente, dizendolhe, que pelo muito refpêito qque lhe tinhaõ lhas entregariaõ, para affim fe atalharem as deſventuras ordinarias nos naufragios” (Ib., VIII rel., T.II, p. 94).

¹⁰⁴ Id., ib.

¹⁰⁵ “[...] finco jangadas que fe fizeraõ fe chegàrão ao batel, no qual fe embarcàrão os que fe nelle pretendiaõ falvar, com muito trabalho, defendendoſe a embarcação aos mais que a vinhaõ a demandar, à eſpada, porque não havia outro remedio: algumas mulheres, que na Nao hiaõ, fe ferravaõ ao batel, às quaes os que nelle eſtavaõ, feriaõ, como aos homens que o intentavaõ” (Ib., p. 95).

¹⁰⁶ Ib., pp. 95 s.

Conclusão

A *História Trágico-Marítima*, coleção setecentista de relatos de naufrágios ocorridos e em grande parte escritos na segunda metade do século XVI, é um texto significativo no âmbito da correlação *natura/cultura*, na medida em que, como em nenhum outro, o homem representado se confronta com situações de limite na capacidade de resistir e lutar pela sobrevivência.

A técnica utilizada na estratégia de garantir tal subsistência permite ultrapassar, em alguns aspectos, as dificuldades e os obstáculos verdadeiramente hercúleos com que se defrontam esses heróis, ao mesmo tempo que os aproximam das condições mais primitivas, numa óptica de profunda humildade ôntica, como Camões n' *Os Lusíadas* o exprime e Henrique Dias o já havia referido, no VI relato¹⁰⁷:

“No mar, tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida;
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?”¹⁰⁸

¹⁰⁷ “[...] e sem duvida que não havia ahi nenhum, por mais esforçado que foffe, e por mais que blazonaffe, que não fe defejãffe nefte tempo fer hum dos mais infimos bichos da terra; o que parece pède a cada hum fua natureza, defejar tornar à fua mãy antigua a terra de que foy noffo Primeiro Pay Adaõ formado” (*Ib.*, VI rel., T. I, p. 405).

¹⁰⁸ *Os Lus.*, I, 106.